



# Anais da Assembléia

N.º 63

CURITIBA, TERÇA-FEIRA, EM 25 DE JUNHO DE 1985

ANO XI

**3.ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 10.ª LEGISLATURA**  
**ATA DA SESSÃO SONELE DESTINADA A**  
**ENTREGA DO TÍTULO DE**  
**CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ,**  
**AO SENHOR DOUTOR**  
**WALTER ALBERTO PECOITS**  
**REALIZADA EM 25 DE JUNHO DE 1985**  
**TERÇA-FEIRA**

Presidência do Sr. Deputado Nilso Sguarezi, secretariada pelos Srs. Deputados Anibal Khury e Quielse Crisóstomo.

Às quinze horas é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: Nilso Sguarezi, Antônio Annibelli, Nelson Buffara, Anibal Khury, Quielse Crisóstomo, Fiori Luiz, Ezequias Losso, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Airton Cordeiro, Amélia Hruschka, Antônio Belinati, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ferrari Júnior, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gernote Kirinus, Gilberto Carvalho, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antonio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nelson Vasconcellos, Nestor Baptista, Odeni Mongruel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Roberto Requião, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Tuguio Setogutte, Werner Wanderer e Wilson Fortes (57), achando-se em licença o Sr. Deputado Artagão Mattos Leão (01). Presentes, ainda, inúmeras autoridades civis, militares e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

## SESSÃO SOLENE.

Para receber e acompanhar até este recinto os Srs. José Richa, DD. Governador do Estado, Desembargador Armando Jorge Carneiro, DD. Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado e o homenageado, Dr. Walter Alberto Pecoits, designo uma Comissão integrada pelos Srs. Deputados Adhail Sprenger Passos, Caíto Quintana, Nelson Buffara e Ivan Gubert.

Suspendo a sessão por alguns instantes, até a chegada de Suas Excelências.

Está reaberta a sessão.

É com elevada satisfação que esta Presidência comunica a composição da Mesa:

Excelentíssimo Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Walter Alberto Pecoits, Cidadão Honorário do Estado do Paraná,

Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata Ronald Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, Representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante Henrique Octávio Aché Pillar, Comandante do Quinto Distrito Naval;

Excelentíssimo Sr. Tenente-Coronel Luiz Ferreira Gomes Molinari, Representante de Sua Excelência o Sr. Coronel Aviador José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Sr. Conselheiro Armando Queiroz de Moraes, Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglielli da Cunha, Representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Deputado Anibal Khury, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Quielse Crisóstomo, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

(É executado o Hino Nacional)

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Esta Presidência quer agradecer a presença das ilustres autoridades que prestigiaram esta solenidade, Secretários de Estado, ex-Deputados, Srs. Prefeitos, Vereadores, autoridades militares e eclesiásticas.

Solicito ao Sr. Primeiro Secretário que proceda a leitura dos termos do Diploma que será conferido ao Sr. Walter Alberto Pecoits.

O SR. 1.º SECRETÁRIO — (Lê): .....  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
ESTADO DO PARANÁ  
TÍTULO DE CIDADANIA HONORÁRIA

Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com a Lei n.º 8046, de 26 de dezembro de 1984, conferem ao Excelentíssimo Sr. Dr. WALTER ALBERTO PECOITS, o título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que mandaram expedir o presente diploma.

Curitiba, 25 de junho de 1985.

(a) Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro  
Presidente do Tribunal de Justiça;

José Richa,  
Governador do Estado do Paraná;  
Nilso Sguarezi,

Presidente da Assembléia Legislativa  
do Estado do Paraná”.

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Esta Presidência sente-se honrada em convidar o Excelentíssimo Sr. Governador José Richa, para que faça a entrega ao nosso homenageado, Dr. Walter Alberto Pecoits. (Palmas)

Para falar em nome do Poder Legislativo, concedo a palavra ao autor do projeto que concedeu o Título ao nosso homenageado.

Com a palavra, o Sr. Deputado Adhail Sprenger Passos.

O SR. ADHAIL SPRENGER PASSOS — Excelentíssimo Sr. Deputado Nilso Sguarezi, DD. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Walter Alberto Pecoits, Cidadão Honorário do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata Ronald Cardoso Guimarães; Capitão dos Portos do Estado do Paraná, Representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante Henrique Octavio Aché Pillar, Comandante do Quinto Distrito Naval;

Excelentíssimo Sr. Tenente-Coronel Luiz Ferreira Gomes Molinari, Representante de Sua Excelência o Sr. Coronel Aviador José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Sr. Conselheiro Armando Queiroz de Moraes, Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglielli da Cunha, Representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Deputado Anibal Khury, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Quielse Crisóstomo, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Srs. Deputados Federais,

Srs. Deputados Estaduais,

Srs. Secretários de Estado,

Srs. Prefeitos Municipais

Srs. Vereadores, demais Autoridades,

Senhoras e Senhores.

(Lê):

“Há homens que vivem contentes,  
mesmo que vivam sem decoro.

Há homens que sofrem como em agonia,  
quando vêem que há homens, em seu redor,  
vivendo sem decoro.

E, quando há homens sem decoro,  
há sempre outros que têm, em si,  
o decoro de muitos homens”.

Senhoras e Senhores.

O Paraná se enaltece, se enobrece e se engrandece ao receber, na data de hoje, Walter Alberto Pecoits como seu legítimo filho. Neste gaúcho de Santa Maria estão o decoro, a dignidade e a pujança de uma verdadeira legião. Walter Pecoits faz parte de uma plêiade de cidadãos livres que, iluminados pela esperança, cantam a Liberdade e fazem, da Verdade e da Justiça, a pedra de toque de sua atuação. Nele estão presentes e unificados, o cidadão consciente e participante, o médico probo e competente, o político convicto e coerente, profundamente identificado e devotado à causa dos mais deserdados socialmente. Este compromisso com os desprotegidos, com os marginalizados pelas mais variadas formas de discriminação, com os famintos, com os doentes e desabrigados, foi e tem sido cumprido por Walter Pecoits em todas as circunstâncias e apesar de todos os riscos.

Podemos assegurar, sem margem de erro, que a coragem personificada registrou o menino Walter Alberto Pecoits, quando de seu nascimento a 29 de outubro de 1917. O colégio público do Município de CACEQUI e o Grupo Escolar do Alto do Bronze, em Porto Alegre, encarregaram-se de dar as primeiras letras a este cidadão paranaense de hoje. O Ginásio Anchieta, dirigido pelos padres jesuítas, juntamente com o Colégio Júlio de Castilhos, da legendária Porto Alegre, completaram sua formação secundária. No ano de 1946, a mesma capital gaúcha via entre seus jovens formandos na Faculdade de Medicina, um Walter Pecoits sensibilizado pelo problema social do nosso País e determinado a erradicar os focos das doenças que afligiam os mais necessitados.

Como foi possível a esse filho de operário ingressar na Universidade, cursar dignamente e obter seu diploma por méritos indiscutíveis e inegáveis? Para Pecoits nada é impossível e a vontade férrea desse homem levou-o a custear seus próprios estudos, trabalhando como Professor, no mesmo Colégio Anchieta, de onde fora um dos mais destacados alunos. Mediante concurso público, já em 1939, havia sido nomeado fiscal sanitário do Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, também para arcar com o custeio de seu aprendizado médico.

Foi em Erechim, mais precisamente no Distrito de Barra do Rio Azul, que Walter Pecoits iniciou a sua prática médica e, concomitantemente, a sua vida político-partidária. É levado pelo respeito de toda a comunidade à Câmara Municipal, elegendo-se Vereador, exatamente na abertura democrática, após a ditadura de Getúlio Vargas. Seu espírito regido pela democracia, consoante ao profundo respeito à condição humana, haveriam de encontrar, a partir de seu ingresso na política partidária, o canal de expressão mais legítimo e decisivo. A máxima de José Martí pautou a vida política de Walter Pecoits: “LIBERDADE É O DIREITO QUE TODO HOMEM TEM DE SER HONRADO, DE PENSAR E DE FALAR SEM HIPOCRI-

SIA".

Outro gigante da democracia brasileira, Ulysses Guimarães, que se avultou nestes últimos anos de arbítrio, que imperavam em nosso País, infelicitando-o, diz que "na política, o povo ou é tudo ou é nada; ou é maduro personagem, como cidadão, ou é vítima, como vassalo". E o Vereador Pecoits, em 1950, já reeleito, com a experiência adquirida nas lutas políticas universitárias em constante e intermitente denúncia ao autoritarismo da época se doou por inteiro à causa do povo, na inconformidade em vê-lo vassalo, na tenacidade em fazer de cada ser humano, um cidadão.

Já então, exercia sem temor a crítica e a denúncia do arbítrio, do oportunismo, do servilismo, e da corrupção, quer vindos de um indivíduo, de um Governo ou de um Sistema; já então, no Distrito de Barra do Rio Azul, clamava pela eliminação da discriminação, pelo direito de falar e de ser ouvido, pela liberdade de expressão, apanágio da condição humana. Ao seu lado, irmanada com ele, nas idéias e nas atitudes partilhando os riscos, dividindo o prazer de poucos risos e a dor das muitas lágrimas, a companheira amada: Dona Manuela, com quem Pecoits casara em 1943 e que iria lhe dar três filhos: Roberto Flávio, Walter Alberto e Rosa Maria. A importância e o significado de Dona Manuela na vida do nosso homenageado, são de tal porte que não podem ser descritos em palavras; somente os dois, no âmago de seus corações irmãos, sentem e se reconhecem reciprocamente. Este sentimento indestrutível foi, por certo, aliado à coragem que sempre extravasou em Walter Pecoits, o fundamento propulsor para a decisão de acompanhar o êxodo dos agricultores de Erechim, em busca de terras novas, nunca dantes exploradas e cultivadas, à procura de novas gentes, de outros costumes. Não se lhes negue a coragem, a bravura, o pioneirismo. Vale para o político, a qualidade essencial que Jimenez de Azua exigia para o advogado: "HAY QUE TENER GANA!". Por certo são necessários garra e estoicismo aos pioneiros que, abandonando sua terra natal, seus familiares e seus costumes, lançam-se a devastar recém-ditas regiões, a enfrentar desconhecidos e imponderáveis perigos, para ampliar espaços e gerar idéias onde, antes, elas não existiam. Por certo é o pioneiro um grande Criador, pois o desbravamento, a abertura de algo que estava recluso, o romper de uma futura cidade, é um ato de criação.

E a coragem não implica apenas em mudança, em criar um espaço novo: ela está presente, sobretudo na responsabilidade conseqüente sobre o futuro da criatura que foi criada. Na sua vinda a Francisco Beltrão, anteriormente denominada Marrecas, ao chegar em nosso Estado — e que, já é também, o seu Estado —, precisamente no dia 10 de setembro de 1954 Walter Pecoits engajou-se de corpo e alma, na luta dos humildes e dos deserdados do sudoeste paranaense, no contundente problema social dos posseiros

contra os grileiros de terras. Nesta verdadeira guerra, firmou seu conseqüente comprometimento político. No ano seguinte se elegia Vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro, e em 1957, liderava a revolta agrária dos agricultores do Sudoeste contra os grupos que se diziam proprietários da gleba "Missões".

Nessa época, corria a luta judiciária entre o Estado do Paraná e a União, pelo domínio de inúmeras áreas de terra no Sudoeste paranaense, a qual extrapolava como uma luta social sem precedentes. Pecoits estava na linha de frente da batalha, defendendo e protegendo os posseiros em sua fixação na gleba "Missões", então o grande alvo de interesse de grupos poderosos que visavam vantajosos e ilegais objetivos imobiliários.

O historiador Professor Ruy Wachowicz, em seu livro "Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização", recentemente publicado, afirma: "Quando poderosos interesses do capital se instalaram no Sudoeste paranaense, a violência tornou-se inevitável. Eram milhares de colonos posseiros de um lado e os interesses do capital do outro. Foram os próprios grupos econômicos que apelaram para a violência". Na denúncia e na crítica inflamada e sistemática dessa violência, escrevendo e lendo editoriais, pela heróica Rádio Colméia, estava o nosso homenageado de hoje, recusando barganhas, as mais vis, repudiando torpes chantagens, enfrentando violentos riscos. São dele, àquela época, no auge das tensões, diante do adversário que tentava intimidá-lo, estas palavras: "Todo povo tem um grau de saturação; quando vencida a saturação, o povo, mesmo desarmado, é capaz de chegar ao máximo de sacrifícios e lutar contra os poderosos para sobreviver. Entre o morrer covarde e o morrer lutando, pelo menos fará o papel histórico de valente".

Com Pecoits, e muitos e outros, da cidade e do interior, estava formado o mutirão de bravos, estava formada a resistência aos vendilhões, que se faziam poderosos às custas da exploração e da espoliação dos colonos. Foi uma luta épica, histórica, escrita a sangue e martírio, cujo referencial era o resgate da justiça. Em entrevista ao Professor Wachowicz, Pecoits narra o momento da decisão: "Vinhão com faixas, com facas, vinha gente a pé, de vinte, trinta quilômetros de distância, pelas estradas, pelos caminhos resolutos e determinados; vinhão em caminhões; pau, foice ou facão na mão, para brigar. Foi assim... um movimento popular! Vinhão exclusivamente para terminar com as campanhas de terras. Ninguém vinha para fazer outra coisa: não queriam saquear, nem roubar. As 18 horas e 30 minutos eu já estava com cinco mil homens na cidade; era caminhada a chegar e chegar, todos eles com um responsável; desembarcaram na praça e ficavam ali, ao redor, prontos..."

No recinto policial, diante da pergunta do Chefe de Polícia de então: "O que é que os senhores querem, afinal?"; um Walter Pecoits, firme, decidido e altaneiro, respondeu: "Bem, eu quero o seguinte:

substituir o Delegado de Polícia, exonerar o Promotor, transferir o Juiz, tirar a polícia daqui e não mandá-la mais. Os escritórios das companhias não mais serão reabertos; ninguém será processado! Tudo foi aceito. Deste episódio, Pecoits saiu Delegado de Polícia recebido de braços abertos e carregado em triunfo por seu povo, sem ao menos ter portado um revólver.

Em 1960, eleito Prefeito, Pecoits obtinha 80 por cento dos votos daquele que era, já então e ainda o é, hoje, o seu povo.

São de Winston Churchill as palavras de que "A CORAGEM É A PRIMEIRA VIRTUDE DO ESTADISTA; SEM ELA, TODAS AS OUTRAS VIRTUDES DESAPARECEM NA HORA DO PERIGO". Pois, ela não faltou a Walter Pecoits, mais uma vez, para reestruturar a Prefeitura, reaparelhar o parque rodoviário, construir cem escolas municipais, promover o saneamento, a saúde preventiva e a assistência hospitalar na sua Francisco Beltrão. Sobre tudo, testemunho vivo do pensar, falar e agir com senso de justiça, humanismo e coragem.

No Governo João Goulart, — período no qual tive a honra de conhecer nosso homenageado, eu, na qualidade de Diretor Técnico do Instituto Nacional de Imigração e Colonização — no governo João Goulart, dizia, — com a questão da gleba "Missões" ainda não totalmente resolvida, Pecoits ajudou a fundar o GETSOP (Grupo Executivo das Terras do Sudoeste do Paraná), conseguindo-se que o Estado e a União renunciassem a seus argumentos jurídicos de proprietários das terras, e assumindo a tarefa primeira de executar a titulação das mesmas aos colonos. A decisão de respeitar as divisas apontadas pelos proprietários colonos ao expedir mais de quarenta mil títulos de propriedade; trouxe paz social e prosperidade às duzentas mil pessoas que habitavam a região, tendo o GETSOP desempenhado, não um trabalho técnico, e sim, um importante papel de assentamento, atendendo-se a uma situação preexistente. Walter Pecoits, usando a força política de que dispunha na região e com o apoio do Presidente João Goulart, cumpria a grande promessa eleitoral, com a solução definitiva do problema agrário, o qual não apenas afligia o agricultor, mas era também um entrave ao maior desenvolvimento do Sudoeste paranaense.

Assim, Walter Pecoits, por sua liderança política, conseguiu que a gleba "Missões" fosse desapropriada, e respeitada a propriedade de cada agricultor, transformando o posseiro em legítimo proprietário de sua terra.

Dias mesclados de alegria sem par pela justiça finalmente alcançada, e de impar ansiedade e preocupação, pela "vendetta" dos poderosos atingidos. Não é leve a cruz dos oprimidos, não é fácil caminhar com o povo, assumindo a sua causa, o peso de seu sofrimento. É sem dúvida sufocante, contundente e arriscada, a marcha da libertação. O cidadão paranaense Walter Pecoits que o diga e o expresse. Mui-

tos tombam nessa luta; alguns a abandonam em plena caminhada e há aqueles que são literalmente tomados. A pena, para aqueles que persistem de forma intrépida e convicta, é quase insuportável: são os mortos, os cassados, os banidos, os mutilados, os neurotizados, os demitidos, os torturados, os presos arbitrariamente, os perseguidos, os discriminados, os aviltados por muitas formas e maneiras. Mas, em Pecoits, não havia outra visão de vida.

O cumprimento da grande promessa sobre a terra, teve o reconhecimento de seus conterrâneos que o elegeram Deputado Estadual, nas eleições de 1962, pela legenda petebista. Mercê suas inegáveis virtudes e seu já respeitável patrimônio político. Foi Vice-Líder e Líder de sua bancada, por inúmeras vezes, na tenaz oposição ao Governo Estadual da época. Paralelamente, exercia as funções de Vice-Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, Secção do Paraná. A coerência política, a coragem indômita demonstrada perante as mais torpes formas de autoritarismo e prepotência, a voz da libertação e da justiça assumida por Pecoits na Assembléia Legislativa do Paraná, se por um lado, reconheceram-lhe o mérito de Deputado do Ano, por outro lhe trariam dores e sofrimentos incomuns.

O Golpe Militar de abril de 1964, em seu tirânico desvario, cassou-lhe os direitos políticos, na ceifada do Ato Institucional, fazendo com que lhe surrupiassem o mandato de Deputado Estadual. Este infausto ano de 1964, que traumatizou sobremaneira a Nação, ficou indelével também, na história paranaense, cujo Governo de então, respaldando o arbítrio implantado nacionalmente, usou e abusou da violência em todos os seus nefastos aspectos. O vendaval arbitrário bem sabia a quem atingir: àqueles que, em qualquer situação ou lugar, de uma forma ou de outra, estavam defendendo a libertação do povo brasileiro. Àqueles que consideravam o povo, autor da História, conteúdo da geografia, destinatário da civilização, maior objetivo do Estado. A voracidade discriminatória violentou quem ousava ter idéias e quem corajosamente as colocava em prática.

Nosso companheiro Walter Pecoits foi preso em Cascavel, e dentro da prisão, teve sua integridade física atingida pelos alcaguetes da ditadura. Tremendo engano cometeram as baionetas ensandecidas que o atingiram; elas, que não precisam estar em mãos de militares, nem estarem em guerra para querer se impor; pensaram que a violência absorveria o Homem. Esqueceram - ou, quem sabe nunca souberam? — que a grandeza do Homem é a obra-prima do Estado e que a verdade não desaparece quando é eliminada a opinião dos que divergem, pois, a verdade não mereceria esta designação, caso morresse simplesmente com a eliminação ou a tortura de quem a defende! Aos políticos sem povo, aos homens públicos sem suor, sem a poeira das ruas e das estradas, aos cidadãos sem alma e sem poesia, àqueles que não têm compromissos com os interesses de sua pátria, talvez a violência sobrepuje e im-

nha uma derrota. Mas, a violência não venceu, não venceu Walter Pecoits! Levantar-se e soerguer-se ainda coberto de pó ou sujo de lama, depois de ter sido injustamente atingido: isto é ser Homem! Quem tomba e não mais se ergue, não é digno de vitórias. Ele esteve como réu e saiu como herói, nos braços de seu povo.

Em 1974, retomando seus direitos de cidadania, voltou a participar da vida política, tendo crescido na adversidade, agora ainda mais combativo, mais convicto, mais tenaz. Como Secretário Geral e 1.º Vice-Presidente do MDB e do PMDB, colaborou fundamentalmente para que seu Partido reafirmasse o perfil de maior força oposicionista do País e se revigorasse na luta pela Democracia. Era o mesmo Pecoits aguerrido, de uma fidelidade assombrosa às suas raízes, um gigante da liberdade.

O ano histórico de 1985, o encontra carinhosamente rodeado por nove netos, com o afeto de Dona Manuela e de seus filhos e o respeito de seus conterrâneos. Em sua atividade médica, em Francisco Beltrão, atualmente dirige a Policlínica São Vicente de Paula, em imprescindível colaboração junto à Prefeitura daquela cidade, exercendo as funções de Chefe da Divisão de Saúde, do Departamento Municipal de Assistência Social.

Apesar de tudo e contra tudo, para Pecoits valeu a pena a luta pela Liberdade, mesmo a preço de sangue, suor e lágrimas, mesmo às expensas de um grande sofrimento humano, pois, segundo Ulysses Guimarães, "A LIBERDADE NÃO É BEM QUE SE GANHE DE PRESENTE E, SE NÃO VALESSE A PENA, A VERDADE NÃO SERIA O DESTINO DO HOMEM E A LIBERDADE NÃO SERIA O CAMINHO PARA ALCANÇÁ-LA".

Companheiro, Walter Pecoits, cidadão paranaense Walter Pecoits: nesta oportunidade, buscamos palavras para descrever a pessoa humana que integra o seu ser: — terno esposo e pai, amigo fiel e afetuoso, profissional médico idôneo e competente, político corajoso, indomável e coerente.

Walter Pecoits, a admiração, o respeito, a gratidão que lhe devemos, ultrapassam o dicionário, extrapolam os compêndios e se traduzem neste gesto de hoje: o Estado do Paraná, está aqui, representado pelo seu Governador, José Richa — seu companheiro de tantas jornadas; pelos peemedebistas: pelo PMDB Jovem, identificado com a juventude de espírito que os anos e os desafios políticos não conseguiram acabar em você; pelo Departamento Feminino do PMDB, que em você encontra, personificadas, a coragem e a tenacidade humanas; pelo Setor Trabalhista do PMDB, cuja autenticidade e anseio por justiça tiveram, em você, um modelo político. É todo um Partido com você irmanado, que comparece nesta Casa que você enobreceu como um dos melhores Deputados Estaduais que o Paraná conheceu e que, extrapolando o nosso PMDB, abriga políticos de outros partidos e de outras regiões paranaenses, todos aqui presentes nesta homenagem.

Por fim, os amigos, que, sensibilizados por sua dedicação ou sua atuação política, aqui estão reunidos, prestando-lhe a reverência que merecem apenas os homens que se superam, que vivem por um ideal, que atingem a força e as proporções de uma legião!

Estes homens, Walter Pecoits sendo um deles, é que escrevem a História Humana.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — É com elevada satisfação que ouviremos agora, a palavra do nosso homenageado, Dr. Walter Alberto Pecoits.

O SR. WALTER ALBERTO PECOITS — Excelentíssimo Sr. Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata Ronaldo Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante Henrique Octacio Aché Pilar, Comandante do 5.º Distrito Naval; Excelentíssimo Sr. Tenente-Coronel Luiz Ferreira Gomes Molinari, representante de Sua Excelência o Sr. Coronel-Aviador José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II; Excelentíssimo Sr. Conselheiro Armando Queiroz de Moraes, Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Paraná; Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglieli da Cunha, representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Sr. Deputado Anibal Khury, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Sr. Deputado Quielse Crisóstomo da Silva, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; demais autoridades; Srs. Deputados Estaduais; Srs. Deputados Federais; Srs. Secretários de Estado; Srs. Vereadores; minhas Senhoras; meus Senhores. (Lê):

"É pela segunda vez que adentro esta Casa e o faço com o mesmo sentimento de emoção, admiração e respeito. Esta é a Casa onde se sublima o regime democrático e onde ele se aprimora, através dos debates parlamentares, na grande busca da solução dos problemas nacionais.

Em 31 de janeiro de 1963, aqui cheguei, pela primeira vez, trazido pelo voto soberano do povo de minha terra, Francisco Beltrão, que adotei como torrão natal.

Chegamos ao Sudoeste do Paraná, integrados na gigantesca corrente migratória da década de cinqüenta, quando o emigrante gaúcho, na busca e na conquista de novas fronteiras agrícolas, fez das virgens e ricas terras roxas das margens do Iguaçu, a grande esperança de sua nova e sonhada Canaã.

Foi este o primeiro grande movimento migratório espontâneo de agricultores, conscientes da neces-

sidade de procurar novas terras férteis, para a conquista de melhores condições de vida.

Estes migrantes, filhos e netos de tradicionais agricultores gaúchos, representavam uma força viva de trabalho agrícola, jovem, forte e de grande potencialidade. Era a conquista da terra virgem pela força jovem do agricultor.

O Governo do Estado, ocupado pela figura austera e humana do saudoso Bento Munhoz da Rocha Neto, desmembrava Clevelândia, criando os Municípios de Pato Branco, Francisco Beltrão, Barracão, Santo Antonio e Capanema, e os neo-paranaenses se organizavam politicamente para as grandes lutas, na disputa partidária das Prefeituras Municipais.

O clã de Clevelândia, liderado pelo tronco venerável de Marfoel Martins, que se irradiava para os Deputados Antônio Annibelli e Cândido Machado de Oliveira Neto, dominava politicamente toda a região recentemente desmembrada.

As cidades cresceram, novos povoados apareceram; a mata derrubada pela foice e pelo machado era, aos poucos, substituída pelas imensas lavouras; e a população aumentava rapidamente, somada aos que constantemente chegavam e pelo grande número dos que nasciam.

A Colônia Agrícola Nacional General Osório, dirigida pelo dinamismo e competência de Glauco Olinger e João da Cruz Nascimento, se integrava na ocupação da terra e na assistência e no desenvolvimento de seus agricultores.

O trabalho valorizou a terra, despertando a cobiça de grupos econômicos que, falsamente, se intitulavam os legítimos proprietários das glebas Missões e Chopim.

Apareceram, então, os primeiros sinais de tensão social, e a terra da promessa rapidamente se transformou na terra da violência.

Ao poderio das companhias de terra, fortalecidas politicamente, protegidas por jagunços fortemente armados, se opunha a coragem, a bravura e o amor à sua terra, dos posseiros do Sudoeste.

O menosprezo e o desconhecimento dessas virtudes foi o grande erro tático das companhias, levando-as à derrota no desenrolar da luta agrária.

A alienação dos poderes constituídos aumentava o apetite das companhias; a tensão social crescia e os nossos posseiros se conscientizavam de que só lhes restava o caminho da luta armada para a defesa de suas propriedades.

E eclodiu, em 10 de outubro de 1957, a grande revolta agrária do Sudoeste paranaense.

Francisco Beltrão foi ocupada pelos agricultores armados, as repartições públicas foram tomadas, funcionários e jagunços das companhias foram presos, os escritórios, depredados; e os revoltosos questionaram, com os emissários do Governo, a legitimidade da terra que ocupavam.

O Governo, então, cedeu, substituindo as autori-

dades comprometidas com os grupos econômicos, fechando os escritórios das companhias de terra.

Os nossos agricultores, pela primeira vez, se conscientizavam de sua força e de seu poder.

E o homem do sudoeste, largando as armas, empunhou, novamente, a enxada, a foice e o arado. A paz tão desejada voltou e a trilha do progresso foi encontrada.

Aprenderam, porém, na luta, que a solução definitiva do problema de sua terra teria que passar pelo caminho político; e mais do que nunca se conscientizaram da necessidade da organização política.

Realmente, o alto e invejável grau de politização do Sudoeste do Paraná se deve ao seu sofrimento e à sua luta pela posse da terra.

Fortaleceram-se, tornando-se imbatíveis, os partidos que apoiaram a causa e o movimento dos posseiros. O saudoso PTB de então, na figura serena de Souza Naves, os pronunciamentos inflamados de Antônio Annibelli, nesta augusta Casa, e as denúncias diárias do Senador udenista Othon Mader, polarizaram a atenção das Casas políticas para a causa dos posseiros. Vieram as eleições municipais em 1960. O povo exigiu a candidatura das lideranças no movimento de 1957 e os fez prefeitos de seus municípios, pela legenda dos partidos políticos que se haviam comprometido com a sua causa.

A UDN elegeu Ivo Thomazoni em Pato Branco; o PTB elegeu os Prefeitos de Francisco Beltrão, Santo Antônio do Sudoeste e Capanema, vitorizando Walter Alberto Pecoits, Percy Schreiner e Otávio de Matos, todos eles comprometidos com a causa dos posseiros da gleba Missões.

A luta armada de 1957 enveredou, naturalmente, pelo caminho político, que se tornou o veículo de pressão para a solução final do problema. Realmente, foi trazido para a vida político-partidária do Paraná pelo chamamento dos posseiros, inteira e apaixonadamente comprometido que estava com a sua luta.

Os fatos políticos se sucederam com rapidez. Jânio renuncia, a posse de seu legítimo sucessor é contestada pelas forças reacionárias, num prenúncio de 1964. Movimento da legalidade, Parlamentarismo e sofrida posse de Jango. Mais do que nunca, são cobrados os compromissos assumidos pelos políticos com os eleitores da região, na sua maioria esmagadora, posseiros da gleba Missões.

E Jango, na grande prova de sua sensibilidade política, desapropria a gleba litigiosa, cria o GETSOP, inspirado em nossa experiência e dirigido pela grande capacidade de Brasília Marques Sobrinho e do iniciante Deni Schwartz que, com honradez e competência, souberam resolver a causa dos posseiros, legitimando todas as propriedades, sem reclamação de uma só injustiça cometida. Era realmente a grande apoteose, a maior e mais sonhada conquista política.

O compromisso político assumido nas praças públicas estava saldado. As cidades cresceram, criaram-se



novos municípios; a poliagricultura prosperava, a suinocultura se iniciava, na grande demonstração da força de produção e da geração de riquezas representadas pelas pequenas e médias propriedades rurais — a produção de alimentos.

A economia da nova região se distanciou enormemente do município-mãe, Clevelândia, que, com seus latifúndios, vivia e vive da pecuária extensiva e com hábitos totalmente diferentes dos hábitos do homem agrícola. Sem identidade de costumes e de economia, haveria o divórcio e conseqüente distanciamento político da nova e da velha região.

Assim, chegaram as eleições de 1962 e Francisco Beltrão elegia o seu primeiro Deputado, iniciando a autonomia política do Sudoeste, ficando Perci Schreiner na primeira suplência, representando Santo Antônio do Sudoeste.

Mil novecentos e sessenta e três seria um ano decisivo para os destinos políticos da Nação. A renúncia inexplicável de Jânio, a posse permitida de Jango, a pregação das reformas, tão necessárias no passado como no presente, pontificando a polêmica Reforma Agrária, abalaram e estremeceram o Brasil.

Esta Casa foi o cenário de debates gigantescos. Trincheiras ideológicas eram, de um lado, ocupadas pelos reformistas e liberais do PTB, pregando e exigindo reformas imediatas; nas trincheiras opostas, os aguerridos udenistas e peerrepistas, visceralmente antirreformistas, e, embaixo desse fogo cruzado, abrigavam-se os representantes dos partidos de centro.

E o povo, manipulado pelos reacionários, marchava em procissões pelas ruas das grandes cidades brasileiras, num simulacro de apoio popular ao golpe que se preparava contra as instituições democráticas.

Nesta Casa e naquela oportunidade de debates apaixonados, tive a ventura de ser liderado por homens da têmpera política e coragem cívica de Luiz Alberto Dalcanale e Leon Naves Barcelos; de conviver com o bravo Almir Passos, com o Waldemar Daros e o sempre sensível Miran Pirih, e de ter debatido com adversários dignos e brilhantes como, entre tantos outros, Edgar Távora, Armando Queiroz, Rubens Requião, Haroldo Leon Peres, Arnaldo Busato e o vitalício Secretário Anibal Khury. Abril de 1964, a consumação do golpe, o ato institucional, ainda sem número, de 9 de abril e a minha cassação em 13 de abril. Ainda me sobrou o direito do protesto e a oportunidade de reafirmar as minhas posições políticas, como também o direito da despedida.

E desta Casa, para onde fora trazido pela vontade e delegação soberana do povo altivo de minha terra, fui expulso pela violência do arbítrio e do revanchismo, sensibilizado com as homenagens e o respeito de todas as lideranças partidárias e o abraço amigo de todos os velhos funcionários.

Pela segunda vez, adentro a esta Casa, tomado pelo mesmo respeito e pela mesma admiração, para receber o honroso título de Cidadão Honorário do Para-

ná — terra de adoção, que aprendi a amar — outorgado pela generosidade dos membros deste grande Poder.

A Nação vive o momento histórico do seu reencontro com a democracia. Emergimos do longo período de arbítrio e da desesperança.

O povo, afastado do poder e das decisões de seu destino, foi a grande vítima silenciosa da concentração da fatura e da multiplicação da miséria. Tanto assistiu a escândalos diários de corrupção que passou a descrever de todas as instituições. O povo foi sempre o mais legítimo e esclarecido juiz dos governos. E na campanha das eleições diretas, a soberania popular deu o seu veredito, enchendo praças e avenidas, exigindo o poder e o legítimo direito de dirigir os destinos da Nação. O tribunal foi arrasador contra o regime de 1964.

O mesmo povo vai também julgar o procedimento e a competência da classe política que hoje assume o poder e lança a Nova República. A Pátria, quase genuflexa, se esperança e, timidamente, começa a confiar nas suas instituições.

É necessária e urgente a remoção do entulho autoritário e a luta corajosa para enfrentar a crise social, representada pelo desemprego, pela inflação, pela fome de milhões de brasileiros, por vinte milhões de menores abandonados, trinta milhões de analfabetos, pela assustadora evasão escolar, pela decadência do ensino oficial e a proliferação elitista do ensino privado, bem como, a solução de pagamento de nossa dívida externa, que avilta e empobrece a Nação. Tão triste herança é o grande desafio para os patriotas.

O caminho a ser percorrido, obrigatoriamente, passa pela exigência da nova constituição; o povo é o arquiteto e o operário da democracia. Somente ele poderá ser o legítimo constituinte da Nova Carta.

Como pioneiro do Sudoeste do Paraná, preocupei-me, sobremaneira, o drama que hoje vive o nosso agricultor, vítima de um empobrecimento acelerado, conseqüência do modelo agrícola de 1964, que concentrou a propriedade rural, protegeu e incentivou a produção de grãos de exportação, provocando o êxodo rural dos pequeno e médio proprietários, únicos produtores de alimentos básicos. Seria até irônico, se não fosse tão trágico, que o Brasil, País Continental, com quinhentos milhões de hectares agricultáveis, que deveria ser o modelo de País agrícola, com concentração de população rural e não urbana, terra de mesa farta, importe alimentos e seu povo sofra fome.

O árido Nordeste, pela política nefasta das secas, fabricou a figura social do "pau-de-arara". As ricas e férteis terras roxas, pela política agrícola nefasta de 1964, fabricou também seu modelo social, o "sem-terra", o "bóia-fria", pária absoluto da sociedade de trabalho e de consumo, esta caricatura de homem de "facies" famélica, corpo caquético, sem casa, sem emprego, que trabalha ao sabor das safras, andorilho das estradas, a agrupar-se nas praças e nas esquinas das cidades, transformadas em senzalas do século XX, (Palmas). Que aguarda, ansioso, ser apontado e escolhido

pelo patrão temporário e depois ser transportado para o trabalho, sem as mínimas condições de segurança que se dá, até, aos animais que são transportados para os matadouros.

Confesso, nesta Casa e nesta oportunidade, que assisto com preocupação ao retorno de um novo ciclo de violências na sempre explosiva região do Sudoeste do Paraná. Milhares de pequenos proprietários mudaram-se para as cidades vizinhas, aglomerando-se em sua periferia, formando incontáveis bolsões de miséria.

Desempregados ou, no máximo, subempregados, transformaram-se em marginais da sociedade. Pelo sofrimento, se conscientizaram de que a única solução para reencontrar trabalho, recuperando a sua dignidade humana, seria o retorno às suas origens de trabalhadores rurais.

E assim, nasceram as associações dos "sem-terra", como forma de fortalecimento e de pressão, aliás, muito louvável, de sua luta, na conquista de um pedaço de terra.

Incompreendidos, desassistidos, sofridos e angustiados, são presas fáceis para a infiltração de falsas lideranças, comprometidas com o radicalismo que hipertrofia as tensões sociais, pregando movimentos que tentam desestabilizar as instituições democráticas, procurando a destruição de nossas mais caras tradições de respeito à lei e à propriedade privada.

Do outro lado, os proprietários de terra, manipulados pela direita e por políticos derrotados nas últimas eleições e comprometidos ainda com os "ideais" de 1964, distorcem, sensacionalizam e ampliam o problema, agravando-o e procurando, também, a desestabilização da Nova República. Ameaçam e afirmam se estarem armando, com desrespeito flagrante e afrontoso às leis do País e parecendo querer ressuscitar no Sudoeste paranaense a figura odiada do jagunço das companhias de terra. O confronto só será obstaculizado pela aceleração da Reforma Agrária, há tanto tempo prometida e nunca executada, polêmica e jamais tão necessária como hoje. Só assim, far-se-ia justiça social, com novas fontes de produção a trazer alimentos para uma população faminta.

Sabemos do potencial do Estado do Paraná e acreditamos no trabalhador paranaense. Esta foi a terra escolhida como ponto de encontro da Nação brasileira. Gaúchos, catarinenses, paulistas, mineiros, capixabas e até cariocas se mesclaram nesta terra das araucárias, à qual deram a destinação histórica de ser o celeiro do Brasil.

Construiremos um Brasil que será legado aos nossos filhos, mais verde, mais farto, mais feliz, mais forte e pleno de justiça social. Sabemos e elogiamos a sensibilidade e a preocupação do Governo José Richa, para este angustiante problema. Confiamos em sua liderança, em sua sabedoria e em sua grande capacidade de luta.

O título que hoje recebo desta augusta Casa, por direito e por justiça, eu o distribuo também aos meus

velhos companheiros políticos do Sudoeste, líderes anônimos que sempre tiveram a grandeza da fidelidade e da coerência partidária, que me ensinaram e apontaram sempre o caminho certo da justiça social. A Ricieri Cela, Antônio da Paiva Cantelmo, Paulo Bourguesan, Basílio Tiecher, Teodoro Zanatta, Balduino Daros, Dalvíno de Nardin, José Krasnievica, Odósio Dala Maria, Argentino Salvatti, entre tantos outros, minha eterna gratidão.

A Deni Schwartz, Euclides Scalco, Sebastião Rodrigues, que continuaram a luta iniciada em 1962 e que representam, com tanta dignidade e competência política, nossa terra e nosso povo.

A Manoela, minha grande companheira, parceira de todas as lutas, que participou com humildade das vitórias que conquistamos e soube ter coragem e grandeza nas horas de angústia e sofrimento. A meus filhos, adolescentes em 1964, que superaram os traumas do passado e que participam hoje, com seu trabalho, no desenvolvimento de nossa terra.

A Justiça do Paraná, a cujos tribunais fui muitas vezes levado pelo arbítrio dos tiranos de 1964, na busca de condenações injustas, e onde sempre encontrei a absolvição de suas Cortes, que foram corajosas na luta pelos direitos humanos. Nela encontrei coragem para a resistência.

Aos ilustres Pares desta Casa, na qual vivi momentos marcantes de minha vida e de meu passado e ao Deputado Adhail Sprenger Passos, autor do projeto, que madrugou nas oposições brasileiras, coerente com sua formação política e que sempre esteve solidário com os injustiçados, lutando pela redemocratização do País.

A todos, minha eterna gratidão e meu reconhecimento.

A história de uma Nação se edifica e se escreve com os exemplos de grandeza e desambição de seus filhos. Somente os patriotas e os estadistas têm esta estrutura. Esta é a hora da grandeza da união da Nação, sem radicalismos e intransigências, secundários até aos interesses das siglas partidárias, para vencer os perigos que rondam a pátria e escurecem o futuro de nossos filhos.

E ao deixar pela segunda vez esta Casa, honrado e emocionado pelo título de Cidadão Paranaense, eu o faço confiante e com a crença de que esta Casa e o povo paranaense serão os grandes arquitetos do Brasil de amanhã, do Brasil da justiça social."

Muito obrigado. (Sem revisão do orador).

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezzi) — O Poder Legislativo, mais uma vez sente-se honrado com a presença das altas autoridades e ilustres convidados que abrilhantaram sobremaneira esta solenidade.

À mesma Comissão, anteriormente designada, solicito que acompanhe o Excelentíssimo Sr. Governador José Richa, Excelentíssimo Desembargador Armando



Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça e o nosso ilustre homenageado, durante as suas permanências no Palácio XIX de Dezembro, onde, no Salão Nobre, o nosso ilustre homenageado receberá

os cumprimentos.

Convido os presentes a ouvirem o Hino do Paraná, após o que, está encerrada a presente sessão.

(É executado o Hino do Paraná).